

EXCLUSIVO

Roberto Freire
fala de seu
exílio voluntário

DOSSIÊ

Harry Potter
e as bruxarias
do mercado

A BATALHA DE ADORNO

Com o fim da Segunda Guerra, há 60 anos, a Escola de Frankfurt começava a enfrentar o tempo da destruição e da barbárie. Este é ainda o nosso mundo?





As táticas da teoria

Seis décadas após o fim da Segunda Guerra, de que maneira pensar a Escola de Frankfurt, sua influente visão do desastre e sua permanência hoje?

Marcelo Rezende e Natalia Cesana

Um fato decisivo se mede, sobretudo, por suas conseqüências, e essas estão geralmente resumidas em números e datas: há 60 anos chegava ao fim a Segunda Guerra, com um assombroso *resumé*: um número estimado de 45 milhões de mortos, a maioria, população civil; a visão da primeira explosão de uma

bomba atômica, em agosto de 1945; o genocídio contra o povo judeu, uma marca na construção da mentalidade do homem em um novo século 20 que se formulava. A barbárie. Foi esse o "ano zero", e, enquanto o novo relógio contava os primeiros segundos, as ciências humanas passavam

também por um *big-bang*. Mais uma vez o instante era explosivo, e se tentava não apenas pensar ou entender o futuro, mas, antes, interferir no que viria. Durante o conflito bélico e ideológico, os alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer (Walter Benjamin foi, metaforicamente, morto

em combate) elaboravam uma segunda fase para uma teoria crítica da sociedade, e as peças do jogo passaram a ser a cultura de massa, Auschwitz, a consciência burguesa, a decadência da arte, a indústria cultural e o desespero da razão. Uma possibilidade se iniciava na história. E uma teoria se preparava para entendê-la.

"A chamada Teoria Crítica tomou-se o instrumento intelectual mais refinado e incisivo na análise tanto do indivíduo como da sociedade, aliando a teoria social à psicanálise, mas sem se subordinar epistemologicamente à outra", diz o escritor, crítico e tradutor Modesto Carone. "Obras como *A dialética do esclarecimento*, de Horkheimer e Adorno, que marcou o século passado, vieram para ficar também no nosso", diz ele. "Difícilmente o pensamento contemporâneo tem uma inspiração mais avançada que a dialética frankfurtiana, seja na percepção aguda dos nossos dilemas, seja na avaliação da arte como mimesis de contradição do mundo moderno. 'A poesia sonha um mundo onde as coisas seriam diferentes', essa frase de Adorno pode servir de mote aos que não negam o poder de fogo da utopia."

Publicado em 1947, *A dialética do esclarecimento* teve sua primeira aparição em forma de artigos já em 1944. Enquanto as estratégias militares estavam ainda em processo, e nenhum dos lados poderia prever a ação de seu oponente nem o resultado final do conflito, Adorno e Horkheimer se debruçavam sobre o canto de sereia da civilização. Por que as promessas da modernidade levaram o homem não ao confortável território prometido pelo Iluminismo, mas sim a seu contrário? O nazismo havia sido derrotado na Europa, os aliados, com a promessa de democracia, ofertavam transformação, mas a atmosfera, para esses pensadores, era tudo, menos otimista. A nova estrada estaria levando à alienação e à dominação no novo momento do capitalismo.

PERFIL

ADORNO

Theodor Wiesengrund-Adorno (1903-1969) nasceu em Frankfurt, cidade onde se graduou em Filosofia. Vindo de um meio de musicistas e amantes de música, Adorno encontrou refúgio na estética musical. Em 1933, com a tomada do poder pelos nazistas, foi obrigado a refugiar-se na Inglaterra, onde passou a lecionar na Universidade Oxford, ali permanecendo até 1937. Nesse ano, transferiu-se para os Estados Unidos, onde escreveria, em parceria com Horkheimer, a obra *A dialética do esclarecimento* (1947). Em 1950, Adorno pôde regressar à Alemanha e reorganizar o Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt. Em 1955, com a aposentadoria de Horkheimer, Adorno tornou-se diretor do Instituto.

BENJAMIN

Walter Benjamin (1892-1940), nascido em Berlim, iniciou seus estudos superiores em 1913. Em 1928, apresentou a tese *Origem do drama barroco alemão* para a Universidade de Frankfurt, que a recusou. Para sobreviver, passou a dedicar-se a crítica jornalística e a traduções, escrevendo ainda numerosos ensaios. Aos 48 anos, Benjamin se suicidou quando soube que os funcionários da alfândega na fronteira entre a França e a Espanha impediriam sua entrada no país. Ele fugia da ocupação nazista.

HORKHEIMER

Max Horkheimer (1885-1973), o principal diretor da *Revista de Pesquisa Social*, nasceu em Stuttgart. Em 1930, tornou-se professor em Frankfurt, onde permaneceu até 1934, quando teve de se refugiar, como os demais companheiros, em outros países. Nesse ano, transferiu-se para os Estados Unidos, passando a lecionar na Universidade de Columbia. Lá, Horkheimer permaneceu até 1949, ano em que pôde regressar à Frankfurt e reorganizar o Instituto de Pesquisas Sociais, com Adorno.

Na explicação para esse quadro, há muito de Marx e doses generosas de Freud. Um ambicioso, simbólico e decisivo trabalho que afirma a possibilidade de ser a razão também uma violenta força irracional, e essa foi uma experiência transformadora da vida acadêmica do pós-guerra para uma geração de intelectuais em diferentes países, como no Brasil, onde a relação causa e efeito tomou algumas décadas.

"Eu acredito que o fundador da Teoria Crítica Social brasileira é Caio Prado, no sentido amplo de Teoria Crítica. Já no sentido restrito, que são esses pensadores que recorrem ao modelo político de Horkheimer, é algo que surge nos anos 1960 no Brasil. Surge primeiramente em um ambiente de Fla-Flu, que era característico da época, que justamente levava a sério essa história de Escola de

Frankfurt", diz Marcos Nobre, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Nobre é autor de *A teoria crítica*, ensaio lançado pela editora Jorge Zahar, e faz um reparo à definição mesma de escola para os pensadores de Frankfurt: "É uma espécie de rótulo, de bordão de intervenção na esfera pública alemã, principalmente usado por Adorno e Horkheimer, e acho que não descreve a experiência que é a experiência da Teoria Crítica", diz ele.

Mas o que significa exatamente o Fla-Flu da academia brasileira? "Você fazia o seguinte: pegava um autor determinado e, se mostrasse que esse autor era contraditório, ou que tinha conseqüências políticas indesejáveis, dizia que toda a Escola de Frankfurt estava errada, já que era uma escola.

FRANKURT E TEORIA

O que é Escola de Frankfurt?

Em 1924, um grupo de intelectuais alemães composto por Felix Weil, Georg Lukács e Friedrich Pollock reúne-se com o intuito de documentar e teorizar o movimento trabalhista e o socialismo na Europa. Essa é conhecida como primeira fase. Porém, em 1933, quando o nazismo alcança o poder, o Instituto é fechado e os intelectuais que ali trabalham, Adorno, Benjamin, Marcuse, Fromm, dentre outros, são obrigados a deixar o país. Em 1934, Horkheimer negocia a transferência do grupo para Nova York, marcando assim o início da segunda fase. Com o fim da guerra e da perseguição aos judeus e aos marxistas, o Instituto volta a Frankfurt, em 1950.

O que é Teoria Crítica?

A chamada Escola de Frankfurt ficou conhecida por seu programa de desenvolver uma "Teoria Crítica de sociedade". A meta de seu programa é unir teoria e prática, ou seja, incorporar ao pensamento tradicional dos filósofos uma tensão com o presente. Teoria Crítica também pode ser a denominação dada aos múltiplos interesses dos pensadores, uma vez que não é possível constituir uma escola, mas uma postura de análise crítica e uma perspectiva aberta para todos os problemas da cultura do século 20.

Se você diz que um está errado, todos estão. E o contrário. Se um estivesse certo, toda a escola estava certa. Era um ambiente de Fla-Flu de vários tipos. Tinha o Fla-Flu da indústria cultural, por exemplo. Cultura erudita contra cultura popular, e o fato de Adorno ser mal humorado, o fato de o Benjamin ser a favor da indústria cultural. Esse tipo de Fla-Flu não fazia avançar um milímetro a discussão. Claro, temos de pensar se há alguma função social nessa

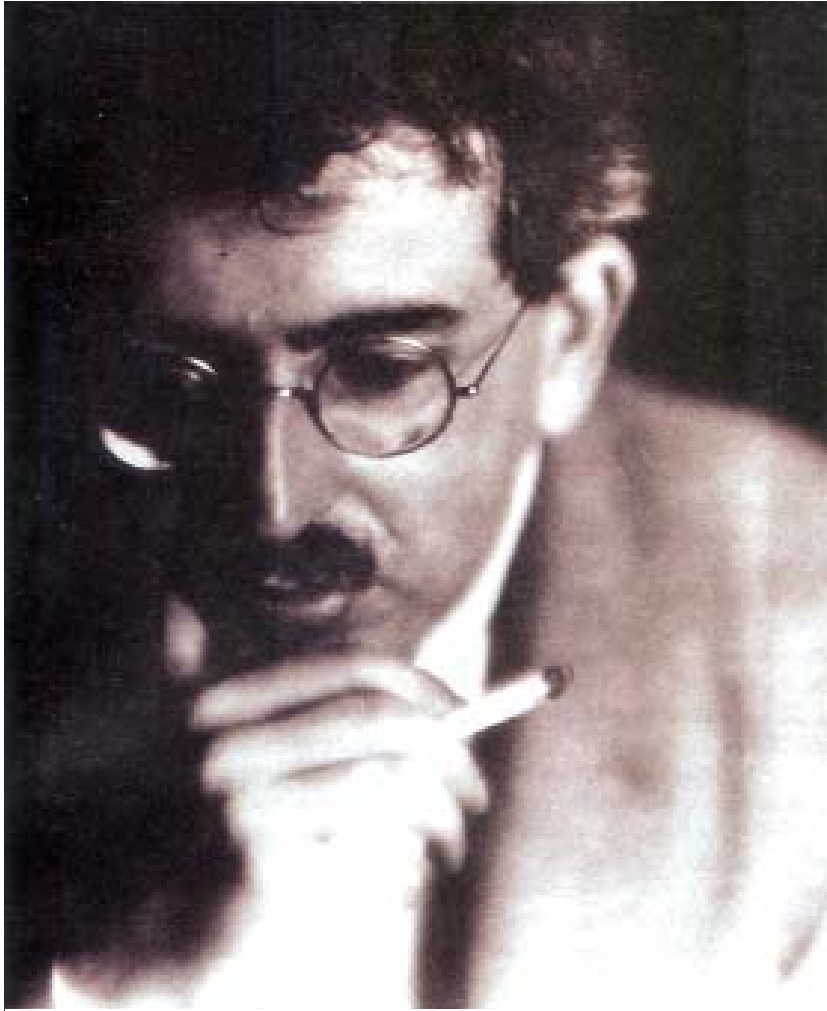
discussão, mas a entrada da Teoria Crítica, nesse sentido restrito, no Brasil, foi muito Fla-Flu, muito primitiva, um conhecimento elementar dos autores. Acho que isso começa a mudar muito em meados da década de 1970 e, principalmente, na década de 80", fala Nobre.

O período de expansão (e marcada influência) dos frankfurtianos na produção intelectual brasileira acontece no instante de redemocratização e busca de normalidade na vida política nacional. Um momento de boom, como define Márcio Seligmann-Silva, professor do departamento de Teoria Literária da Unicamp e autor de Adorno (Publifolha): "Os autores começaram a ser traduzidos no Brasil nos anos 1970. José Guilherme Merquior passava já a introduzir algumas coisas. Mas a grande recepção, o boom, começou no início dos anos 1980, e no final já tinha uma boa parte do acervo da intelectualidade brasileira que já sabia bem quem eram Benjamin e Adorno", diz ele.

Naquele momento, traduções, debates e encontros em tomo de Benjamin, Adorno, Marcuse ou Horkheimer serviam de caixa de ferramentas para aqueles com uma energética disposição para pensar as condições históricas e políticas do período, sustentados pelo fato de ser o ambiente ainda muito próximo àquele presenciado pelos autores da Teoria Crítica pós-1945: um

planeta dividido em blocos econômicos, a sofisticação e a intensificação do poder da indústria cultural e a Guerra Fria. No começo dos anos 1990, há outro acontecimento simbólico, para muitos historiadores o real encerramento da Segunda Guerra, não como fato, mas como conceito: a queda do Muro de Berlim.

"Acho que as dificuldades surgem nos anos 1990. O caldo de cultura em que esses autores faziam sentido, em que eles engatavam com problemas reais no Brasil, começa a se tornar problemático", diz Marcos Nobre. "Então, a universidade passa a tratá-los muito mais academicamente do que tratava antes, o que é um avanço do ponto de vista da discussão, mas não é necessariamente um avanço do ponto de vista do debate das idéias. Esses autores parece que tinham muito mais a dizer na década de 80 do que na década de 90. Ela, a Teoria Crítica, tem menos vida do que antes. E a partir daí, vão se abrir algumas vertentes que dizem respeito não só ao Brasil. A Teoria Crítica a partir da década passada, em termos mundiais, se diversifica a tal ponto que é difícil dizer que existe aqui um centro, certos pontos de referência. Nos EUA, por exemplo, a Teoria Crítica entrou muito na literatura, na teoria literária. E tem alguns pensadores na filosofia e nas ciências sociais muito bons, mas relativamente isolados."



Walter Benjamin, integrante do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, que foi perseguido pelos nazistas e resolveu se matar aos 48 anos

Seis décadas depois do fim da Segunda Guerra, do acontecimento transformador, em qual ponto se encontra agora o que foi gerado por Frankfurt antes e após as batalhas, o nazismo e a social-democracia europeia - uma escola de integrantes e pensamentos tão diversos quanto nômades? Para a filósofa Olgária Matos, autora, dentre outras obras, de Escola de Frankfurt - Luzes e sombras do iluminismo (Ed. Moderna), "o mundo islâmico está passando por questões de redefinição e reconsideração do sentido das ações, da sua cultura, das suas tradições, mas no Ocidente há essa tendência a uma dissolução das experiências transmissíveis através da tradição, porque a técnica e a ciência como são vividas hoje ocuparam praticamente todo o

espaço das humanidades. Então, acaba-se assimilando a ideologia da nacionalidade tecnológica e passamos a só olhar o mundo segundo essa característica: o que pode ser dominado através da ciência e da técnica. Horkheimer e Adorno, e Benjamin por outras razões, escreveram textos em que falam da debilidade da instituição familiar. O que significa essa tendência à dissolução dos laços da família".

Trata-se, claro, de uma ausência da experiência compartilhada, continua Olgária: "Norbert Elias diz que as sociedades podem passar pelas maiores transformações, mas uma coisa que permanece

DUAS QUESTÕES PARA MICHAEL HARDT

CULT - Ao lado do filósofo Tony Negri, você é autor de dois trabalhos sobre o atual momento histórico, as novas formas de conflitos e dominação gerados pela "era da globalização", *Império e Multitude - Guerra e democracia na era do Império*. De que maneira seu trabalho se afasta ou se aproxima do elaborado pela Escola de Frankfurt a partir do pós-guerra? Você acredita que os conceitos como "multitude" e 'império' podem atualizar a obra da Escola de Frankfurt?

Michael Hardt - Não acho que esses conceitos possam promover uma atualização, penso que podem permitir que as questões sejam vistas de um outro ângulo, promovendo uma nova forma de aproximação. Vejo conceitos como "império" e "multitude" como complementares à Teoria Crítica, com algumas vantagens, diferentes vantagens. Não acredito que tenhamos de escolher entre uma outra, entre nosso trabalho e o de Adorno, mas utilizar esses conceitos e teorias de maneira diferenciada. Tive algumas conversas com meu amigo e colega acadêmico. Fredric Jameson, que é muito próximo da Escola de Frankfurt. Penso que, geralmente, estamos em uma divisão de tarefas, na qual ele está muito mais interessado em pensar a mercadoria, a questão do consumo e o que é o mundo do controle social, enquanto eu estou voltado para questões sobre o trabalho e as atividades de produção com o trabalho.

CULT - Você acredita que as definições como 'massa', 'indústria cultural', 'religião' são ainda válidas ou essa é uma herança de Karl Marx entre os pensadores de Frankfurt, conceitos em xeque agora?

M.H. - É claro que são válidas. Como já disse, não acredito em disputa sobre o que estamos produzindo agora e toda uma herança. Marx deve ser pensado como um autor clássico. Logo, não se trata de pensar fora do marxismo, e por isso nos Estados Unidos a Escola de Frankfurt é presente de maneira muito forte em diferentes campos. E acredito que o mesmo esteja acontecendo agora no Brasil.

é o encontro da família à mesa quando acontecem as conversas. É o momento no qual as idéias circulam, as experiências se comunicam. Ora, isso não existe mais. O advento do mundo da insignificância, o desengajamento e a ausência de responsabilidade são questões do próprio capitalismo, na sua forma

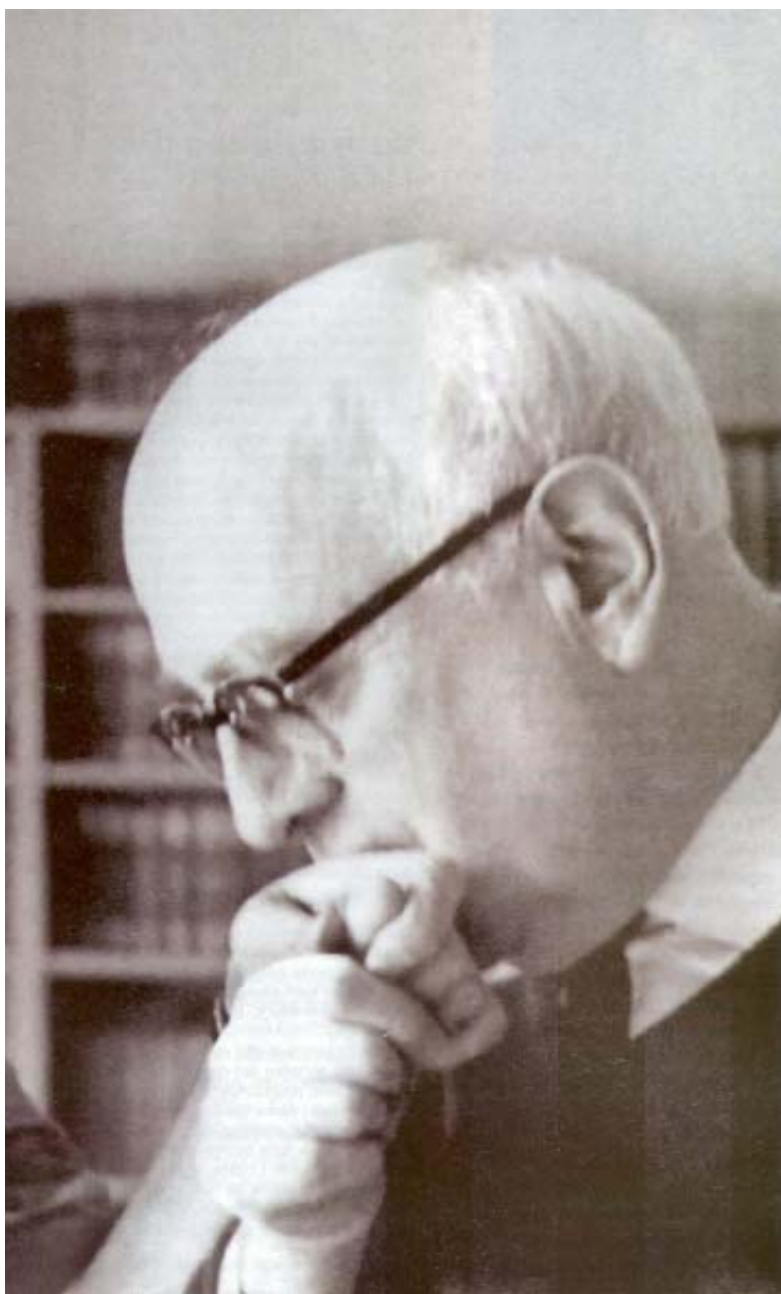
contemporânea de acumulação, porque ele gera necessariamente uma escassez artificial. Esse mundo insone, 24 horas por dia, fica circulando e faz com que nós nos submetamos a um tempo patológico. Quanto mais tecnologia se produz, menos tempo temos. Então, esse sentimento da perda do controle do tempo e das nossas vidas é uma questão mais ampla". "Todos, Marcuse, Adorno, Horkheimer, Benjamin e mesmo as outras gerações, como Habermas, têm essa característica fundamental que diz respeito a uma forma muito particular do que é o fazer filosófico", diz Vladimir

Safatle, professor da faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. "Isso faz com que vários façam trabalhos de ciências sociais empíricas, trabalhos de Adorno e Horkheimer sobre o clima empresarial, trabalhos do Adorno sobre personalidade autoritária que não são trabalhos de quem faz filosofia no sentido tradicional. Acho que dificilmente vamos encontrar filósofos no século 20 que constituíram questões como a Escola de Frankfurt." Em uma passagem do livro *Minima moralia*, escrito em

grande parte entre 1944 e 1945, durante o exílio nos Estados Unidos, Adorno refletia sobre o espetáculo de destruição a que assistia: "A idéia de que após essa guerra a vida continuará "normalmente" ou que a cultura possa ser 'reconstruída' - como se a reconstrução da cultura não fosse já sua própria negação - é idiota." Nos anos seguintes, ele e outros membros do Instituto de Pesquisa Social, os "frankfurtianos", fizeram o caminho de volta para a Alemanha, e depois surgiram diferentes formas de tensão e novas modalidades de guerra, a era atômica, Maio de 68, o Vietnã ou homem com os pés sobre a Lua. A vida continuava, enfim. Mas a palavra "normalmente" continua há 60 anos uma questão.

EXPERIÊNCIA E ATUALIDADE

CULT - Em qual momento você entrou em contato com os chamados autores da Escola de Frankfurt, qual era o contexto?
Márcio Seligmann-Silva - Durante o curso de História; sou formado em História pela Pontifícia Universidade Católica, e foi por meio do professor Nicolau Sevcenko. No primeiro ano de faculdade, ele mencionou Benjamin, Adorno. Era a época em que estavam começando a publicar traduções no Brasil. Comecei a ler Benjamin, fiquei fascinado e fui procurar, na época, os especialistas que existiam, como Olgária Matos, que era na época uma jovem professora, com a idade que tenho agora. Para mim, foi uma libertação, uma espécie de revolta contra uma posição dos meus professores, dos de uma geração anterior a minha, ou duas gerações anteriores, que tinham um pensamento predominantemente chamado de marxista. mas que eu achava um pensamento muito fechado, muito mecanicista,



muito pouco inteligente, na verdade.

CULT - Hoje, a Teoria Crítica está sendo feita como?

M.S.S. - Sinto que o monopólio que existia dos filósofos em relação a essa tradição foi quebrado. Então, hoje você vê o pessoal do curso de Letras, de Música, de Comunicação, de Artes lendo esses autores. E lendo de uma maneira extremamente criativa. O próprio Adorno escrevia sobre todas as áreas. Ele era professor de sociologia, filósofo, trabalhava com arte, com música. No caso de Benjamin, a mesma coisa. Ele não conseguia entrar na academia, ele era um livre pensador, um crítico que escrevia basicamente sobre literatura. Então, esse confinamento era ruim. Acho que a gente vive esse momento agora, não que haja uma ampla recepção desses autores. Há alunos que chegam à pós-graduação sem ter lido Adorno e Benjamin. Eu acho um absurdo, mas há. São autores que são clássicos no bom sentido, não é que eles se tornaram autores totalmente domesticáveis. Eles são indomesticáveis, por assim dizer, e há esse elemento de revolta, que é o que torna a leitura difícil, esse aspecto contraditório, pensar pela aporia, pensar sem ter medo de trabalhar com elementos que são contraditórios, que estão se chocando. E eles faziam isso de maneira primorosa.

A MUSICA DA MODERNIDADE



Montagem da ópera Tannhäuser, de Richard Wagner

CULT - Quais os principais debates hoje em torno da Escola de

Frankfurt fora do Brasil e onde eles acontecem?

Vladimir Safatle - Dificilmente você passa um ano sem um colóquio sobre Escola de Frankfurt, sobre Teoria Crítica, sobre algum aspecto da Teoria Crítica. Há alguns meses ocorreu um sobre Teoria Crítica e psicanálise, em Belo Horizonte; no mês passado, houve um grande colóquio sobre Eros e civilização, de Herbert Marcuse, um colóquio internacional. Sem contar a presença no Direito, muito por conta dos trabalhos do Habermas sobre democracia e estrutura jurídica.

CULT - Em quais áreas, além do Direito, há essa influência?

V.S. - Filosofia, com certeza. crítica literária - trabalhos como os de Roberto Schwarz. Trabalhos que se colocam claramente como tributários, têm uma certa reflexão sobre a obra literária que tem suas raízes no programa adorniano. Agora, um ponto onde não se desenvolveu, e de fato isso é uma peculiaridade, é o departamento de música. Isso seria o mais natural. Uma coisa muito engraçada, porque se você for à França hoje, a Escola de Frankfurt não é um assunto de debate nas universidades, salvo raras exceções, principalmente Benjamin e Adorno, os outros são totalmente esquecidos. Agora, um lugar forte são os departamentos de música e as cadeiras de estética.

CULT - E aqui?

V.S. - O debate musical no Brasil não é um debate que participa muito da esfera pública dos debates intelectuais, é um debate muito isolado e sem muito espaço. Há revistas de música, debate musical. .. é muito engraçado, esse é um país que se afirma muito musical, mas tem uma pobreza de diálogo musical impressionante. Muito do Adorno teórico da música veio para o Brasil como crítico do Jazz, crítico da música popular, e isso está longe, mas muito longe de ser a parte significativa do trabalho do Adorno sobre a música. O próprio debate musical no Brasil é levado heroicamente por um ou outro pesquisador, mas sempre sem a base

institucional necessária e a sustentação necessária. Isso prejudicou o modo de recepção. No caso do Adorno, é um problema muito grave, porque se você pegar as obras completas dele, praticamente 2/5 de tudo é sobre música. No interior da estética, a arte fundamental para Adorno é a música. Mas veja, se você pensar que sequer as obras estão disponíveis no Brasil ... se você for a uma loja de discos e tentar procurar algumas obras com as quais o Adorno trabalha, não vai encontrar porque não há edição brasileira.

CULT - Mas se não há esse material no Brasil, como podemos pensar em debater? Fazemos um debate fraco?

V.S. - Não diria fraco. Temos grandes intérpretes do pensamento adorniano, grandes comentadores, em várias universidades brasileiras, em vários Estados brasileiros. Acho que essa é uma realidade. Agora, uma questão é certa: para quem tenta se introduzir em Adorno há um bloqueio. Você tem praticamente metade das obras, que não só não têm tradução, mas têm uma pouquíssima circulação. Então, há uma espécie de clivagem, que eu julgo altamente nefasta. Se você acompanhar os escritos musicais do Adorno, é um exercício fascinante, pois se percebe a mutação das estruturas de apreensão conceituais da estética a partir da confrontação direta das obras. Ou seja, ele literalmente pensa a partir da situação do material na época, uma coisa absolutamente fantástica, pois se trata de mostrar um fazer filosófico que não se coloca à frente das obras. Adorno estaria absolutamente aberto a repensar novamente seus conceitos a partir do estado contemporâneo das artes. Com certeza, se estivesse vivo, estaria extremamente interessado nesse tipo de análise. Até a sua morte, uma das grandes características do seu trabalho era estar sempre tentando compreender o fazer composicional da sua época. Ele é alguém que tematiza, nos anos 1950, o que estava sendo feito nos anos 50.